

Sabedoria Básica: o sr. Cory e meu Avô

Os ensinamentos do Buda que orientam a jornada para a sabedoria e felicidade atraem muitas pessoas porque são muito simples. Essencialmente, ele ensinou que não faz sentido nos perturbarmos com aquilo que está além do nosso controle. Não podemos escolher as cartas no jogo da vida. A única escolha que temos é quanto à nossa atitude com relação às cartas que recebemos e à astúcia com que as jogamos.

Quando o Buda expôs suas idéias, há 25 séculos, muitas pessoas o compreenderam tão bem, logo que o ouviram, que, desse momento em diante, foram felizes para sempre. As pessoas que não o compreenderam imediatamente precisaram praticar meditação e, então, elas compreenderam.

As idéias do Buda tomaram-se o principal ensinamento espiritual para uma grande parte deste planeta. Esse ensinamento incluiu uma vasta cosmologia, mas, para mim, sua mensagem essencial sobre um modo de vida saudável e feliz assemelha-se ao sr. Cory, que mora na mesma rua que eu e meu avô, falecido há dez anos.

O sr. Cory tem 90 anos de idade e ainda trabalha na terra. Ele e sua esposa - a mesma por quase setenta anos — fazem todo o trabalho em sua extensa chácara e vendem a produção em sua garagem. Certo dia, no último verão, fui até a casa deles para comprar cebolas e vi a porta da garagem aberta. “Uau!”, pensei comigo mesma. “Vejam o que o sr. Cory fez. Colocou uma estátua de si mesmo na porta da garagem, para servir de decoração.” Imaginei ter vislumbrado um daqueles índios de madeira que eu via nas tabacarias quando criança, ou um modelo em tamanho real do coronel

Sanders.

• Obviamente, não se tratava de nenhum recurso publicitário para chamar a atenção. Era o próprio sr. Cory, sentado imóvel como uma estátua, esperando. Não estava lendo, nem escrevendo, nem separando mercadorias, nem entalhando madeira, tampouco fazendo *qualquer* outra coisa exceto esperar. E a banca de hortaliças dos Cory não ficava à beira de uma estrada, onde ele poderia ficar observando o trânsito. A garagem deles fica atrás da casa, e esta fica à beira de uma estradinha secundária onde quase não há tráfego. *Nada* passa por ali. O sr. Cory não tinha nada que precisasse fazer e, por isso, não estava fazendo nada. Nunca conversei sobre filosofia com o sr. Cory, mas meu palpite é que ele diria: “Se não está quebrado, não conserte” e “Se estiver quebrado e você não puder consertar, não se preocupe com isso.”

Estacionei o carro e caminhei até a garagem sem que o sr. Cory se mexesse. De repente, lembrei-me da minha câmera fotográfica, que eu havia deixado no carro, e disse: “Sr. Cory, posso tirar uma fotografia sua?” “Pode”, foi a resposta. Ele nunca perguntou: “Por quê?”

A fotografia ficou boa, um *Gótico Americano*¹ dos dias de hoje — o sr. Cory sentado impassivelmente ao lado de caixas de tomates e de abobrinhas. Mandei emoldurar uma ampliação da foto e pendurei-a na minha sala de trabalho, ao lado de uma foto de Meher Baba, um mestre espiritual a quem admiro. Pensei em mandar um negativo para a revista *Country Life*, e imaginei que eles iriam publicá-la e dar-me o crédito pela foto. Emoldurei uma cópia e dei-a de presente para o sr. Cory. Ele disse: “Obrigado.”

Meu avô viveu até os 98 anos de idade e morreu de velhice. Seu coração simplesmente parou de bater, mas sua mente conservou-se lúcida até o fim. Ele tinha sobrevivido à minha mãe, filha mais velha, e a todas as suas três esposas; também passou incólume por épocas de dificuldades econômicas. Meu avô emigrara para os Estados Unidos quando jovem, deixando seus pais e irmãos na Áustria, para nunca mais voltar a vê-los. Ele ganhou a vida como artesão, porque nunca havia aprendido a ler e a escrever.

¹ Pintura de Grant Wood, retratando um fazendeiro de expressão grave, segurando um forcado, ao lado de uma jovem. (N.T.)

Quando eu era criança, lembro-me de vê-lo lavando as mãos depois do trabalho, usando um tipo especial de sabão em pedra para tentar limpá-las. Ele era um homem emotivo e apaixonado. Nas festas de aniversário que meus pais faziam para mim, ele chorava quando as pessoas cantavam “Parabéns”.

Quando minha mãe morreu, aos 47 anos, meu avô tinha 77 anos de idade. Para meu avô, a morte da filha foi um grande golpe, e durante o enterro ele estava tão transtornado que minha principal preocupação foi saber como ele iria conseguir chegar ao fim daquele dia terrível. Ele não disfarçou sua dor para si mesmo nem para ninguém.

Minha mãe morreu em agosto e, nessa época, meu avô passava os verões trabalhando como caseiro das cabanas de uma colônia de férias no Maine. Alguns dias após o enterro de minha mãe, meu avô se recompôs, emocional e fisicamente, e voltou ao trabalho. Ele pronunciou a frase que representava a sua filosofia de vida, e que eu já o ouvira repetir diversas vezes: “Bem, o que se pode fazer? É a vida!” Nessa ocasião, pensei que ele fosse Zorba². Ele ainda trabalhou muitos anos, casou-se novamente e se divertia com os bisnetos. Meu avô continuou sendo um bom e íntimo amigo de meu pai e ficou amigo da nova esposa de meu pai, quando este voltou a se casar. Ele nunca mais entrou na casa em que minha mãe tinha morado. Ir até lá fazia com que ficasse muito triste.

Visitei meu avô quando ele já era bastante idoso e vivia numa comunidade para pessoas idosas, no sul da Flórida. Duas vezes por dia, depois do café da manhã e do almoço, ele me convidava para acompanhá-lo num passeio a pé em volta do quarteirão. Era uma caminhada demorada, pois ele andava devagar. Ele me explicou que essa costumava ser sua rotina, seu exercício diário. Eu lhe perguntei: “Em que o senhor pensa enquanto está andando?” Ele me olhou, surpreso. “Como assim?”, respondeu ele. “Quando eu ando, eu ando!” Nesse momento, achei que ele fosse o Buda.

Nem o sr. Cory nem o meu avô jamais ouviram falar em meditação. Acho que eles prestaram atenção ao que estava acontecendo à sua volta e

² Referência ao personagem do romance *Zorba, o Grego*, de Nikos Kazantzakis. Zorba é um camponês exuberante que transmite sua visão rude e alegre da vida a um escritor inglês introvertido. (N.T.)

tomaram-se sábios. Para aqueles dentre nós que não chegam à sabedoria naturalmente, a meditação é uma maneira de conseguir isso pela via prática.